



COSTA, Laura Muriel. Retratos em papel e madeira: Antonio Conselheiro na xilogravura e no cordel. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 83-95. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.8395>

## RETRATOS EM PAPEL E MADEIRA: ANTONIO CONSELHEIRO NA XILOGRAVURA E NO CORDEL PORTRAYALS IN PAPER AND WOOD: ANTONIO CONSELHEIRO IN WOODCUT AND CORDEL

Laura Muriel Costa<sup>1</sup>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

**RESUMO:** Antonio Conselheiro, líder político e religioso da comunidade de Belo Monte, palco da Guerra de Canudos entre 1896 e 1897, é figura notória. Figurando não só no imaginário popular como em diversas produções artísticas, Conselheiro foi retratado de inúmeras maneiras nos mais diversos gêneros textuais. O presente trabalho aborda os retratos de Conselheiro traçados em textos verbais e não verbais, valendo-se dos conceitos de análise semiótica de figurativização e tematização. Serão traçadas análises de trechos de dois folhetos da literatura de cordel, *Guerra de Canudos*, de Raimundo Santa Helena, e *Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos*, de Rodolfo Coelho Cavalcante, e das xilogravuras das capas dos mesmos folhetos.

**Palavras-chave:** literatura de cordel; xilogravuras; Guerra de Canudos.

**ABSTRACT:** Antonio Conselheiro, the political and religious leader of the Belo Monte community, where the Canudos War took place between 1896 and 1897, is a notorious figure. Appearing in the popular imaginary as well as in several artistic productions, Conselheiro has been portrayed in countless ways in the most diverse textual genres. The present paper addresses verbal and nonverbal portraits of Conselheiro, making use of the semiotic analysis concepts of figurativization and thematization. pipipi analysis of two chapbooks of Cordel literature, *Guerra de Canudos*, by Raimundo Santa Helena, and *Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos*, by Rodolfo Coelho Cavalcante, and of the woodcuts on the covers of the same two chapbooks.

**Keywords:** cordel literature; woodcut; Canudos War.

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em 2018 e graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em 2023. E-mail para contato: [muriel.costa@unesp.br](mailto:muriel.costa@unesp.br). Mestranda pelo programa de Pós Graduação em Estudos Literário na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fabiane Renata Borsato.

## Introdução

O presente trabalho busca analisar como foram retratados Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos em dois folhetos selecionados da literatura de cordel, de autoria de Raimundo Santa Helena e Rodolfo Coelho Cavalcante, buscando aproximações e divergências nos retratos esboçados. Utilizaremos aqui, para fazer referência a Conselheiro, a grafia Antonio, sem acento circunflexo, seguindo a grafia identificada em documentos contemporâneos à Guerra de Canudos.

Para tal, serão mobilizadas ferramentas de análise semiótica, a saber, os conceitos de figurativização e tematização. Buscaremos levantar as figuras e temas presentes nos textos verbais – poéticos – e não verbais – nas xilogravuras de capa – dos dois folhetos.

A respeito da definição dos conceitos de figurativização e tematização, José Luiz Fiorin expõe:

A oposição entre tema e figura remete, em princípio, à oposição abstrato/concreto. [...] A figura é o termo que corresponde a algo existente no mundo natural. [...] Quando se diz que a figura remete ao mundo natural, pensa-se não só no mundo natural efetivamente existente, mas também no mundo natural construído. [...] Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. (FIORIN, 2005, p. 91)

Somando-se a isso, serão analisadas as escolhas lexicais dos textos poéticos, de maneira a identificar se estas escolhas reforçam ou se afastam das análises interpretativas realizadas a partir da identificação de figuras e temas.

Compreendemos que a literatura de cordel é um gênero literário de imensa riqueza formal, cultural e temática, muitas vezes relegado à condição de literatura popular que portanto dispensaria pesquisas. É imprescindível, entretanto, que olhemos para a literatura popular com outros olhos, e situemos a literatura de cordel em específico em lugar de atenção. Autores como Mark Curran e Joseph Luyten conceituam a literatura de cordel como uma espécie de porta-voz dos anseios e temas do imaginário popular, cumprindo por vezes a função de mídia jornalística. Evidentemente que os folhetos de cordel podem ser considerados em sua dimensão documental, mas é importante que a análise leve em conta que os folhetos não constituem documentos simplesmente por relatar dados ou situações, mas exercem um papel ativo. Afinal, Ulpiano Meneses de Bezerra, em seu parecer sobre o pedido de registro da literatura de cordel como patrimônio imaterial, adverte que:

Assim, para apreender a historicidade do cordel, não é conveniente pensá-lo como documento histórico: convém [...] livrá-lo de ser tratado como apenas documento e abordá-lo como componente ativo do jogo social. E, para explorar sua singularidade, quanto ao tópico em questão, tomá-lo como formador de padrões do gosto popular além de excepcional produtor e difusor de imaginário em geral na nossa história. (MENESES, 2019, p. 237)

É justamente por ser componente ativo do jogo social e difusor de um imaginário coletivo que analisar de que maneira são esboçados os retratos de um líder religioso e político de um evento histórico de grande peso na formação social do Brasil faz-se tão significativo.

Igualmente relevante é voltar o olhar para a literatura enquanto ferramenta política, que assume papéis e posicionamentos e pode alterar a maneira como são encarados eventos e personalidades históricas.

### **Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos**

“Conhecido com este nome, apareceu em nosso sertão do norte, há cerca de dois anos, um indivíduo que se diz chamar-se Antonio Maciel e que nos lugares onde se tem apresentado há exercido grande influência no espírito das classes populares”, essa seria a primeira das muitas figurações Antonio Conselheiro no noticiário baiano. A notícia, publicada em 1876 no jornal *Diário da Bahia* faz parte de uma compilação levantada por José Calasans (CALASANS, 1963, p. 4). Já enigmática, a figura de Conselheiro apenas cresce em fascínio depois dos eventos que tiveram lugar no Arraial de Belo Monte, ficção e biografia muitas vezes se entrelaçando.

Descendendo de pequenos proprietários que perderam a maioria das suas posses em uma rixa entre famílias, Antonio Vicente Mendes Maciel nasceu em um povoado no sertão do Ceará e teve acesso a uma educação eclesiástica – coisa rara entre a população sertaneja então. Em 1858, casou-se com sua prima Brasilina Laurentina de Lima, com quem teve dois filhos, e trabalhou como professor e advogado por um período. Após uma crise conjugal e embates com um sargento da polícia, Antonio Maciel abandona sua vida anterior e começa uma jornada de peregrinações.

Antonio Maciel passou pouco mais de quinze anos perambulando pelo sertão, vivendo de esmolas e abdicando de qualquer luxo. Seguindo uma promessa que teria feito no início de sua jornada, construía ou reformava igrejas e cemitérios pelas cidades em que passava, realizando tarefas “que o poder público e as autoridades eclesiásticas não tinham, muitas vezes, condições ou vontade de empreender” (CALASANS, 1973, p. 3) e pregando sermões para a população local. Santo Antonio Aparecido, Irmão Antonio, Bom Jesus Conselheiro, Antonio dos Mares, Antonio Conselheiro: sua figura cresce em prestígio, notícias do beato se espalhando pelos sertões baianos, e logo um pequeno séquito de seguidores passou a acompanhá-lo. Retratado sempre usando um longo hábito azul puído, de sandálias ou descalço, cabelo e barbas longos e pregando por onde passava os méritos do trabalho árduo e da abnegação, a figura de Conselheiro rapidamente se cravou no imaginário popular, e passam a ser a ele atribuídos a execução de milagres e o *status* de profeta e intermediário de Deus.

Em 1893 Conselheiro forma, à margem do rio Vaza-Barris, a comunidade de Belo Monte, na fazenda de Canudos, nome que seria depois usado para se referir à própria comunidade e ao conflito subsequente. O número de moradores cresceu rapidamente nos anos seguintes, trazendo o Arraial de Belo Monte primeiro à atenção dos donos de terra da região, visto que o êxodo em massa da população, com centenas e depois milhares de famílias mudando-se para a comunidade, causou disrupturas na dinâmica coronelista da região e constituía uma ameaça ao discurso republicano. A comunidade do Arraial de Belo Monte representava uma dupla ameaça – à dinâmica coronelista do sertão e à credibilidade da república. As relações de poder eram pautadas em uma dinâmica coronelista, em que os grandes proprietários de terras usufruíam de influência e

tinham acesso à mão de obra, em um sistema de dependência mútua e desigual, uma vez que os sertanejos serviam aos coronéis como forma de subsistência (LEAL, 2012). Quando Antonio Conselheiro e a comunidade de Belo Monte oferecem uma outra opção de sobrevivência, há uma ruptura com essa dinâmica e com o *status quo*. Em outro plano, há o fato de Conselheiro incluir em seus sermões críticas à república e de que a própria existência da comunidade, caracterizada por seu forte cunho messiânico – Conselheiro, era, afinal de contas, um suposto enviado de Deus – desafiavam os princípios de ordem e progresso de uma república que tentava se estruturar e ainda contava com pouca credibilidade (HERMAN, 1996).

Tornara-se então indispensável pôr fim à comunidade e à influência de Conselheiro. Começando com uma tropa de forças locais, estava posto o cenário para que fosse destruído o Arraial de Belo Monte. Com o fracasso da primeira expedição, que foi emboscada pelos moradores antes de alcançar seu destino, a pressão sobre Luís Vianna, governador do estado da Bahia, começou a aumentar e as autoridades federais foram contatadas. Foram enviadas uma segunda e terceira expedições, fortemente armadas e com um grande contingente de homens, ambas derrotadas pelos canudenses, que usavam táticas de guerrilha e armas de fabricação caseira para se defender de pelotões armados de canhões. A essa altura a guerra já tinha cobertura nacional, sendo acompanhada com crescente histeria pela população em diferentes cidades. A pressão sobre a quarta expedição militar era grande, e depois de cuidadoso planejamento foram enviados mais de oito mil homens para a comunidade, dando início ao conflito final que se estenderia de julho a outubro de 1897. Com os moradores lidando não só com as forças militares, mas também com doenças que se espalhavam rapidamente na comunidade, eles sucumbiram à quarta expedição, sendo a cidade destruída junto com seus habitantes. Aqueles que não foram mortos foram presos e o Arraial foi inundado, concretizando, em uma ironia trágica, uma das famosas promessas de Conselheiro de que o sertão viraria mar.

A memória do conflito fica, no entanto, e os canudenses permanecem como símbolos de resistência e ruptura; Antonio Conselheiro, em retratos que oscilam entre louco e santo, continua exercendo grande fascínio quase um século e meio depois.

De acordo com Mark Curran, em *História do Brasil em cordel*, “o primeiro grande evento registrado pelo cordel tradicional nordestino foi a Guerra de Canudos, num relato feito por um soldado participante da campanha que seria que seria um pioneiro desse tipo de literatura” (CURRAN, 1998, p. 37). Não somente noticiada pelos grandes jornais, portanto, a Guerra de Canudos foi também narrativa poética no jornalismo realizado pelos poetas-repórteres do cordel, tanto concomitantemente aos acontecimentos quanto posteriormente, sendo até hoje tema de novas produções. Os dois folhetos analisados, inclusive são bastante posteriores aos acontecimentos, com cerca de um século de distância.

### **Guerra de Canudos, de Raimundo Santa Helena**

Raimundo Santa Helena, nome pelo qual tornou-se conhecido Raimundo Luiz do Nascimento, foi um importante cordelista brasileiro. Segundo apresentação própria, “Raimundo Santa Helena nasceu em 6 de

abril de 1926 num trólei rodando à vara. Sua cabeça nasceu na Paraíba e o restante no Ceará” (TAVARES, 2012). Bastante conhecido também no Sudeste e sendo um poeta urbano, Santa Helena foi fundador da Academia Brasileira de Letras de Cordel em 1986, e presidente da Associação dos Repentistas e Cordelistas do Brasil. Em sua produção literária, Santa Helena se enquadra no grupo dos assim chamados “poetas repórteres”, abordando notícias e acontecimentos significativos de ordem principalmente nacional. Além disso, escreveu também alguns folhetos didáticos, tanto para o público infantil quanto adulto (TAVARES, 2003).

Seu folheto *Guerra de Canudos*, de 1981, narra a formação do Arraial de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris e os eventos subsequentes da Guerra de Canudos. Partindo de uma perspectiva de reparação histórica, a formação da comunidade é apresentada como uma maneira de lutar contra e escapar às condições de vida desfavoráveis, não sendo os canudenses extremistas os fanáticos.

A xilogravura na capa do folheto é de autoria do próprio Raimundo Santa Helena, com a utilização de tinta verde ao invés do mais habitual preto:

Imagem 1 - Xilogravura do Folheto *Guerra de Canudos*



Fonte: SANTA HELENA, 1981.

A gravura, em que o arraial está situado ao centro, assemelha-se a um mapa: há marcos geográficos na paisagem retratada, como o rio Vaza-Barris, margeando o arraial, e o município de Euclides da Cunha, que

conta com os complementos “Bahia” e “Brasil”. Este arraial está então, incorporado a um cenário maior, integrado no contexto físico, geográfico e político da paisagem. À direita da imagem, de pé, vemos a figura de Antonio Conselheiro, com o nome assinalado no hábito.

O tema da religiosidade é construído a partir das figuras da igreja, do próprio Conselheiro, trajado como beato, e das cruzes que estão espalhadas ao longo de toda a imagem. As cruzes, entanto, constituem não somente o tema da religiosidade como também o da morte, o que alinha-se à perspectiva adotada e propagada pela narrativa que busca relembrar e honrar a memória dos habitantes de Canudos caídos e caluniados (COSTA, 2023, p. 176). Ao longo de todas as bordas da imagem há figuras escuras e alongadas que, se assemelhando a canhões, estreitam-se e convergem no arraial.

Não são figuras definidas identificáveis, mas seu estreitamento em direção ao centro confere uma impressão de movimento, o que, em conjunção com a cor escura e o fato de circundarem o arraial, constrói um discurso ameaçador, de encurralamento, o que condiz com a narrativa que apresenta os canudenses como heróis injustiçados que demoraram a sucumbir, mesmo ante o avanço da maioria numérica incontestável das forças republicanas. (COSTA, 2023, p. 176)

Conselheiro, do lado direito da gravura, é representado em tamanho muito maior do que os demais elementos, sendo do mesmo tamanho que o Arraial e tornando-se o principal foco. O pregador é retratado vestindo o hábito que é característico de suas representações, com os cabelos e barbas longos também em consonância com seus demais retratos. Seus olhos estão cobertos por círculos escuros que poderiam até ser percebidos como óculos de sol, e não é possível a quem olha discernir se seu olhar se fixa em algum ponto interno ou externo à imagem. Retomaremos esse detalhe mais adiante, por ser um elemento recorrente em retratos de Conselheiro. A imagem de Conselheiro aparece ao longo do texto em uma reprodução exata da figura presente na capa, “repetindo-se à direita do texto em todas as páginas, acompanhando o leitor e abrindo caminho com seu cajado ao longo do poema” (COSTA, 2023, p. 176).

Voltando o olhar para o texto poético, temos, logo na estrofe de abertura, o posicionamento político nítido que permeará a narrativa:

Vou narrar pros meus leitores  
Num trabalho consciente  
A Campanha de Canudos  
A maior do Continente...  
Milhares assassinados,  
Vencidos caluniados  
Na História contundente...  
(SANTA HELENA, 1981, p. 2)

Esses versos, contundentes como a citada História, são os que abrem a narrativa, e já situam o posicionamento que será adotado ao longo do restante do poema. Não mais amotinados, selvagens, monarquistas, os canudenses serão retratados como assassinados e caluniados, divergindo então do que seria a narrativa oficial, apresentada ao eu-poético em sua trajetória escolar.

São citados por nome e apresentados dois moradores de Canudos: Antonio Conselheiro, o líder político e religioso, e Pajeú, líder militar e guerrilheiro. Ambos surgem mais vezes ao longo do poema: “os

dois personagens aparecem ao longo do texto exercendo esses papéis, ligados portanto a esferas distintas dentro do movimento” (COSTA, 2023, p. 174). Pajeú, inclusive, é citado em discurso direto durante um embate com as forças armadas. Isso é bastante significativo, uma vez que, ao dar voz a outra figura importante da comunidade, os canudenses deixam de ser uma massa anônima, inagente. Representantes das forças republicanas, por sua vez, são identificados majoritariamente, ao longo do texto, por seus títulos e patentes, e não nominalmente. Esse movimento é o inverso do que seria a história tradicional mencionada no início do poema: ao relegar as figuras oficiais a um lugar de menos protagonismo, haveria uma inversão dos valores pregados por meios oficiais, e a busca por resgatar a memória da multidão anônima dos habitantes de Canudos.

Antonio Conselheiro já é apresentado na segunda estrofe:

Porque Antonio Vicente  
Ou Antonio Conselheiro  
Era na Comunidade:  
Santo, mito, guerrilheiro!  
(SANTA, HELENA, 1891, p. 2)

Os adjetivos empregados para descrever o líder remetem a diferentes funções exercidas por ele dentro da comunidade e do contexto histórico como todo: santo, mito e guerrilheiro. A ordem em que são elencados estes adjetivos, entanto, estabelece uma gradação nestas funções: “por mais que seja também mito e guerrilheiro, Conselheiro é antes de mais nada Santo” (COSTA, 2023, p. 174). O tema da religiosidade é preponderante, o que pode novamente ser percebido adiante, em outra descrição do líder canudense:

Fugindo da palmatória,  
No fim do século findo,  
Conselheiro, “O Beato”,  
Do Ceará foi saindo  
Segurando seu cajado,  
Com a Bíblia abraçado,  
Capelas foi construindo... (SANTA HELENA, 1981, p. 3)

Cabe observar que nesta passagem – que será o momento em que o líder é de fato apresentado no folheto em mais detalhes – não são citadas características de Conselheiro, e sim suas ações enquanto beato. É uma escolha bastante significativa:

Na passagem, Conselheiro é descrito não por suas características físicas ou morais, mas sim a partir de sua trajetória enquanto beato. As figuras empregadas, do cajado, da Bíblia e de capelas, todas convergem para o tema da religiosidade. As ações do Beato - que é aqui título e descrição - são o que o caracterizam. A escolha pelo não emprego de adjetivos para descrever o líder enquanto pio, moral ou justo justamente evidencia essas características, que seriam pressupostas, evidentes a partir das associações com o tema da religião. (COSTA, 2023, p. 175)

Os tempos verbais empregados no trecho têm uma preponderância de verbos no gerúndio, recurso bastante utilizado ao longo do poema, como pode ser observado também no excerto abaixo:

Os famintos lhe seguindo,  
Do medo rompendo grade...  
Lutar contra injustiças,  
Viver com dignidade!

Seu ideal se compunha -  
Foi para Euclides da Cunha,  
Galopando na Vontade... (SANTA HELENA, 1981, p. 3)

Aqui, além dos gerúndios, há também o emprego de verbos no infinitivo (lutar, viver). Estas escolhas são bastante significativas, por aproximar o leitor da narrativa e presentificar o relato, o que está em consonância com a inserção do arraial em um cenário maior como feito na xilogravura: são elementos que parecem inserir a narrativa na história, conferindo-lhe um aspecto de verossimilhança.

### ***Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos, de Rodolfo Coelho Cavalcante***

Rodolfo Coelho Cavalcante foi um prolífico poeta e nome importante na literatura de cordel. O autor organizou o Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, começou e integrou diferentes organizações, como a *short-lived* ANTV (Associação Nacional de Trovadores e Violeiros), O Grêmio Brasileiro de Trovadores e a Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, que ainda existe. Jornalista, Cavalcante trouxe e deu espaço em seus periódicos para a literatura de cordel, sendo considerado por alguns um “líder de classe” dos trovadores. Por outro lado, o poeta foi alvo de críticas pelo “conteúdo reacionário de sua política conservadora tradicional (“amigo” do regime do momento)” (CURRAN, 1987, p. 34). Cavalcante produziu sua obra transitando entre temas clássicos na literatura de cordel, com destaque para a moral, a religião, a política e os fatos de repercussão social, este último de caráter mais jornalístico por tratar-se de narrativas contemporâneas aos eventos.

*Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos*, de 1977, assume uma posição bastante diversa da do folheto de Santa Helena. Neste, os habitantes de Canudos são apresentados como fanáticos selvagens e violentos, que posicionam-se nitidamente a favor da monarquia, colocando em risco as instituições republicanas, que precisam ser defendidas.

A xilogravura que ilustra a capa do folheto de Rodolfo Coelho Cavalcante foi feita por José Soares da Silva, mais conhecido como Mestre Dila. Reconhecido em 2022 como patrimônio vivo de Pernambuco, Dila teve uma vasta produção como cordelista e xilogravurista. Suas gravuras tiveram e têm grande circulação, não só no meio cordelístico, ilustrando de caixas de remédios até rótulos de cachaça.<sup>2</sup> A gravura em questão retoma a escolha mais tradicional de cores em preto, fazendo grande uso dos espaços em branco para a composição.

---

<sup>2</sup> Dila. Disponível em: <https://www.galeriapontes.com.br/project/dila/>.





Imagem 2 - Xilogravura do Folheto *Antonio Conselheiro - o Santo Guerreiro de Canudos*<sup>3</sup>

Vemos na gravura Conselheiro de chinelos, em pé sobre o chão. Em uma das mãos segura um cajado e a outra aponta para fora da imagem, direção para a qual também estão voltados seus pés. Seu olhar também se dirige para fora, fixando-se em algum ponto que não se faz visível para o leitor. (COSTA, 2023, p. 178) Como apontado na xilogravura de Santa Helena, esse olhar que se volta para fora ou fixado em algum ponto não discernível a quem observa é um traço recorrente nas representações de Conselheiro. José Calasans, em “Notícias de Antonio Conselheiro”, cita Gene Fontes, intelectual baiano que descreveu o beato para o jornal “A República”:

O que lhe dava o tom à fisionomia era o olhar. O olhar boiava, naquela abstração vaga, naquela expressão e cisma indefinível que caracteriza os místicos, os sonhadores, os alucinados. Fitava um ponto do espaço, olhando sem ver, absorvido em êxtases. (CALASANS, 1963, p. 3)

Evidentemente que as descrições que temos do líder messiânico, mesmo aquelas feitas por seus contemporâneos, são parciais e influenciadas pelo seu crescente prestígio e fama enquanto suposto profeta e intermediário divino. De qualquer forma, nos interessam aqui as percepções e retratações de Conselheiro, fidedignas ou não, e o olhar voltado para fora, sem ver, é uma constante que repete-se e reforça a aura de misticismo do pregador (COSTA, 2023, p. 178)

<sup>3</sup> Fonte: DILA, 1977.

A indumentária em que é retratado Conselheiro está novamente em consonância com o tema da religiosidade: a túnica e o cajado garantem a identificação enquanto beato; os chinelos remontam à abnegação e rejeição dos bens materiais. Colaboram ainda para esta caracterização suas características físicas, com os cabelos e barbas longos consolidando a figura do messias (COSTA, 2023, p. 179).

A xilogravura é auspiciosamente desprovida de um cenário detalhado. Todos os seus elementos complementam e figuram em função da figura de Conselheiro, que ocupa quase todo o espaço da página. Esse protagonismo ressoa também no título do folheto: Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos. Novamente: Conselheiro é Guerreiro, mas primeiramente é Santo. (COSTA, 2023, p. 179)

A ausência de outros elementos gera também uma descontextualização – o Arraial é removido do cenário, separando a Guerra do contexto político e social, mantendo Conselheiro como messias mas não abrindo espaço para a presença dos combatentes.

Ao longo da narrativa, os canudenses são sempre apresentados enquanto grupo, ora manipulados por Conselheiro, que “espalhava o fanatismo / prometendo salvação”(CAVALCANTE, 1977, p. 3), ora como combatentes violentos e selvagens, aparecendo inclusive de maneira bestializada: “Os fanáticos matreiros / Trepados nos oitizeiros / Eram saguis enraivados” (CAVALCANTE, 1977, p. 6). Nomeadamente apresentados são Antonio Conselheiro e figuras republicanas, como o então governador Luis Vianna e o Coronel Moreira César, importante figura militar e integrante da terceira expedição contra Belo Monte.

Conselheiro é apresentado já no início da narrativa, em que é descrito através de características físicas e elementos concretos de suas vestimentas:

Vestia ele uma túnica  
Grosseira de azulão,  
De cabeça descoberta  
Apoiado num bastão,  
Barbas brancas e crescidos  
Seus cabelos, parecidos  
Semelhantes de Sansão. (CAVALCANTE, 1977, p. 2)

No trecho reaparecem as figuras da túnica, cabelos e barbas longos presentes na gravura, integrando o tema da religiosidade, o que é reafirmado ao compará-los aos de Sansão, situando Conselheiro no universo simbólico cristão (COSTA, 2023, p. 177).

Nesta descrição de Conselheiro, assim como nas demais e dos eventos subsequentes, há uma predominância de verbos no pretérito imperfeito do indicativo, distanciando a narrativa temporalmente. Esse efeito de sentido, somado à descontextualização sociopolítica, situa o descrito em um plano que separa o do real.

Notáveis também são os adjetivos empregados para descrever o líder canudense ao longo do poema. Conselheiro é caracterizado como afoito, exótico, estranho, insolente, um pregador que

[...] arrebanhava a gente  
Quase em todo interior  
A sua estranha Doutrina  
Se chamava “ORDEM DIVINA”

Sendo ele o Salvador. (CAVALCANTE, 1977, p. 2)

A doutrina, portanto, é também estranha, assim como o pregador. Além disso, é interessante o uso do pronome possessivo “sua”. A doutrina, sendo apresentada como de Conselheiro, reforça a imagem traçada que situa o líder messiânico no centro dos acontecimentos, como único agente que acaba por conduzir a multidão anônima e não pensante: os demais habitantes de Canudos inclusive foram arrebanhados, novamente sendo retratados de maneira animalizada.

Finalizando a narrativa, o balanço final situa Conselheiro em um lugar dúbio, oscilando entre a figura de louco e herói:

Conselheiro estava morto  
Por sofrer tantos revés  
Porém morreu como Líder  
Nos momentos mais cruéis,  
Foi ele um Santo Guerreiro  
Que teve o fim derradeiro  
Morrendo pelos fiéis.

Para concluir, leitores,  
Foi Antonio Conselheiro  
Um Bravo, um Herói, Fanático,  
Um cidadão brasileiro  
Que seria premiado  
Se ele lutasse ao lado  
De um ideal verdadeiro.” (CAVALCANTE, 1977, p.8)

Novamente, a figura do pregador é separada da dos demais habitantes, que são pintados como fanáticos violentos. O próprio emprego do termo “jagunço” ao longo do poema está em consonância com o retrato traçado, que associa os guerreiros à violência e criminalidade. Uma breve busca pelo termo no *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* apresenta, além da definição histórica como “seguidor de Antonio Conselheiro (1828-1897), líder religioso que promoveu a rebelião de Canudos, no nordeste do Brasil, no final do século XIX”, as seguintes: “indivíduo que serve de guarda-costas a uma personalidade influente; capanga”; “pistoleiro; assassino” e “pessoa de má índole”. Ainda que uma das definições apresente “jagunço” como seguidor de Antonio Conselheiro, esta é somente a terceira entrada do verbete, sendo precedida por “assassino” e logo seguida de “pessoa de má índole”.

Há aqui uma demarcação de dois grupos distintos, em que um pólo temos uma maioria constituída por “fanáticos matreiros”, que contrapõe-se à figura de Conselheiro que situa-se em outro domínio, não com os “fanáticos municidados”, mas sendo um “Santo Guerreiro”, um “Bravo” e um “Herói”, ainda que “Fanático” (COSTA, 2023, p. 177).

A estrofe final é constituída por um acróstico que fecha o texto com um apelo:

R - uiu todo o misticismo  
O - nde a falsa pregação  
D - issipou milhares de vidas  
O - bscurecendo o sertão...  
L - ivre Deus - Pai Verdadeiro,  
F - indo Antonio Conselheiro

O - utro não apareça, não. (CAVALCANTE, 1977, p. 8)

Conselheiro, então, que poderia ter sido premiado caso lutasse por um ideal verdadeiro, não se redime ao final da narrativa. Sua pregação é falsa – opondo-se, inclusive, ao divino no trecho por uma relação de antonímia, uma vez que Deus é “Pai Verdadeiro”. É nesta estrofe final ainda, que o autor se insere no texto não mais como eu-poético, através do acróstico que soletra seu primeiro nome, com o posicionamento nítido de que o surgimento de uma figura semelhante à de Conselheiro não é algo desejável.

### **Considerações Finais**

Nos dois folhetos, o tema da religiosidade mostrou-se preponderante nos retratos esboçados de Antonio Conselheiro. Este tema consolida-se a partir de figuras como a da Bíblia, da túnica e o cajado de Conselheiro, seus longos cabelos e barbas, a aproximação com figuras bíblicas e escolhas lexicais, como o uso de termos como “santo” e “beato”.

Seu papel enquanto líder é marcado nas duas produções, mas enquanto a narrativa de Cavalcante estabelece Conselheiro enquanto eixo central de todos os acontecimentos e da própria comunidade do Arraial de Belo Monte, na de Santa Helena é possível perceber um protagonismo maior dos demais habitantes da comunidade.

Ainda que assumindo posicionamentos diametralmente distintos em relação aos canudenses, as intuições republicanas e a Guerra de Canudos, ambas situam Antonio Conselheiro como figura fundamental aos acontecimentos.

### **Fontes**

CAVALCANTE, R. C.. **Antonio Conselheiro, o Santo Guerreiro de Canudos**. Salvador: Tipografia Ansival, 1977.  
SANTA HELENA, R. **Guerra de Canudos**. Rio de Janeiro, s/e, 1981.

### **Referências**

CALASANS, J. Antonio Conselheiro, construtor de Igrejas e Cemitérios. **Revista Brasileira de Cultura**, nº 16, Brasília, abr/jun 1973.

CALASANS, José. Notícias de Antonio Conselheiro. **Jornal da Bahia**, p. 1, 1963.

COSTA, L. M. Retratos de Antonio Conselheiro na Xilogravura e no Cordel. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 43, n. 69, p. 172-180.

CURRAN, Mark. **A literatura de cordel**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.

CURRAN, M. **História do Brasil Cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

**Dila**. Disponível em: <https://www.galeriapontes.com.br/project/dila/>. Acesso em 10/06/2023.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 13 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Jagunço. In **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jagunço>. Acesso em 28-01-2024.

HERMAN, J. Canudos Destruído em Nome da República: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996..

LEAL, V. N. **Coronelismo, Enxada e Voto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MENESES, U. T. B. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 72, p. 225-244, abr. 2019.

PONTES, E. M. **A xilogravura popular**: xilógrafos e poetas de cordel. São Paulo: Galeria Pontes, 2019.

**Raimundo Santa Helena**. Introdução e Seleção Bráulio Tavares. São Paulo: Hedra, 2003.